



A Santa Sé

SANTA MISSA EM COMEMORAÇÃO A SÃO SEBASTIÃO, PADROEIRO DE CASTEL
GANDOLFO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Domingo, 4 de Setembro de 1983

1. "Dai-nos, ó Deus, a sabedoria do coração!"

Com as palavras desta breve e intensa oração, dirijo-me a vós, caríssimos Irmãos e Irmãs de Castel Gandolfo, na festa do vosso Padroeiro, São Sebastião.

Éa oração na qual a Liturgia de hoje sintetiza o conteúdo teológico do Salmo responsorial, que é uma meditação, simples e profunda, sobre o significado autêntico da *nossa existência humana*: o homem, feito de pó, é semelhante à erva que germina pela manhã: pela manhã viceja e verdeja, à tarde está murcha e seca (cf. *Sl.* 89/90, 5s.). Surge, portanto, do ânimo do Autor inspirado uma ansiosa oração ao Senhor: "Ensinai-nos a contar assim os nossos dias / para que guieemos o coração na sabedoria" (*Ibid.*, v. 12). Esperamos do Senhor a sua graça e a sua bondade a fim de nos tornarmos capazes de ter uma visão serena, global e religiosa da nossa realidade humana.

Com muita frequência na Sagrada Escritura do Antigo Testamento pede-se com insistência a Deus o *dom da sabedoria*, que vem considerada não como um conhecimento puramente abstrato e teórico, mas como um singular tipo de conhecimento que nos coloca em relação vital com Deus, com a sua vontade, com a sua misericórdia, com o seu plano de salvação, a fim de nos tornarmos capazes de julgar, à luz de tal experiência, todos os problemas fundamentais do nosso ser humano e das coisas que nos circundam.

Nesta perspectiva, a primeira Leitura apresentou-nos um trecho do livro da Sabedoria, que é uma meditação e uma interpretação do episódio, narrado no *Primeiro Livro dos Reis* (1 Rs. 3, 4-15): a Deus, que lhe aparece em sonho dizendo-lhe para pedir o que desejava receber como dom, o

jovem rei Salomão implora só o dom da sabedoria e do discernimento. E Deus oferece-lho de maneira dadivosa, juntamente com os outros dons não pedidos.

Reflectindo sobre o antigo episódio do sucessor de David, o *livro da Sabedoria* reafirma a obscuridade em que está envolta a nossa existência e também a debilidade da inteligência humana, quando está abandonada só às suas forças: "Mal podemos compreender o que está sobre a terra, e dificilmente encontramos o que temos ao alcance das nossas mãos. Quem pode, pois, descobrir o que acontece no céu? E quem conhece a Vossa vontade, se Vós não lhe dais a Sabedoria, e se do mais alto dos céus não lhes enviáis o Vosso Santo Espírito?" (*Sab.* 9, 16s.).

Nós sabemos que Deus se dignou ir ao encontro desta debilidade da inteligência humana, mediante a sua divina Revelação, culminada na encarnação do seu Filho muito amado.

2. O dom da "sabedoria do coração" é necessário, de modo particular, ao cristão, isto é, àquele que entende pôr-se de maneira generosa no "seguimento de Cristo", como nos é apresentado no trecho evangélico de São Lucas, há pouco escutado: Jesus oferece-nos uma estupenda lição de *sabedoria divina*, indispensável para sermos verdadeiros e autênticos discípulos seus.

Ele está a caminho para Jerusalém, onde cumprirá na Paixão a vontade do Pai celeste; àqueles que O acompanham — e, além dos discípulos, são muitos — diz claramente que nenhum afecto humano e nem mesmo a própria vida podem ser-Lhe antepostos; Ele apresenta-se como o *Absoluto*, que merece ser procurado, seguido e amado por Si mesmo acima de tudo o resto, pessoas ou coisas. Não só; segui-1'O significa e comporta "levar a própria cruz", isto é, não só a aceitação do sofrimento, mas, ainda mais, do desprezo, da solidão, da marginalização, que o povo reservava naqueles tempos aos condenados à morte de cruz.

Tudo isto significa que Jesus exige de nós, hoje como ontem, que adiramos a Ele e *vivamos de fé* com todas as consequências no plano pessoal, familiar e social. É um espírito de "renúncia" o que deve animar as várias dimensões da vida do cristão, se ele quiser estar sempre unido a Cristo e evitar o perigo e a tentação — sempre actuais — "de O renegar", isto é, de viver e de se comportar como se não O conhecesse ou, até mesmo, como se O refutasse.

E esta fé — hoje às vezes tão difícil de ser vivida de modo coerente — deve actuar mediante a caridade (cf. *Gál.* 5, 6), uma caridade activa, operosa, universal, que deve chegar até ao perdão e ao alegre acolhimento de quem nos tenha ofendido ou causado dano. É o ensinamento que promana da segunda Leitura de hoje; o Apóstolo Paulo reenvia ao amigo Filémon o escravo Onésimo, que tinha fugido; mas recomenda-lhe vivamente que o trate como "irmão caríssimo" no Senhor (cf. *Filem.* 16).

Fé e caridade: eis as duas atitudes fundamentais da vida do cristão, expressões privilegiadas daquela "sabedoria do coração", que é dom do Espírito.

3. *Fé e caridade* foram as características do vosso Padroeiro, São Sebastião mártir, que vós venerais com profunda e secular piedade.

Segundo quanto nos é referido pela antiga *Passio*, redigida provavelmente por um autor romano lá por volta da metade do quinto século, Sebastião, pertencente à guarda pessoal dos imperadores Diocleciano e Maximiano, organizara uma intensa acção de apoio físico e espiritual dos cristãos, que, por causa da sua fé, estavam no cárcere à espera do martírio. A estas manifestações de exemplar caridade, Sebastião acrescentava um corajoso testemunho de fé, que o levava a desenvolver uma capilar difusão da mensagem cristã junto dos soldados, dos magistrados e das famílias nobres.

Por isto ele sofreu o martírio, deixando aos cristãos de todos os tempos o luminoso exemplo da sua vida, animada por límpida lealdade para com as autoridades civis, mas também pela clara afirmação do *primado de Deus sobre todos os valores terrenos*.

São conhecidas as palavras, com que Santo Ambrósio exaltava o nosso Mártir: "Temos de sofrer muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus (cf. *Act.* 14, 22). Se muitas são as perseguições, muitos também são os reconhecimentos, e onde há muitas coroas, é sinal que há também outras tantas lutas... Tomemos o exemplo do mártir Sebastião... Ele nasceu em Milão, aonde o perseguidor talvez não chegara ainda ou se tinha afastado ou antes era moderado. Sebastião percebe que o combate de modo algum se travaria aqui ou teria sido fraco. Partiu então para Roma, onde se desencadeavam duras perseguições contra a nossa fé. Ali sofreu o martírio, isto é, recebeu a sua coroa. Deste modo mereceu habitar a eterna imortalidade, lá aonde chegara como hóspede (*In psalmum CXVIII expositio*, 20, 4344: PL 15, 1497).

São Sebastião, soldado e mártir, ensina-nos que para a nossa fidelidade a Cristo é preciso estarmos dispostos a tudo, a renunciar a tudo.

Àorante intercessão do vosso celeste Padroeiro confio hoje todos vós, Irmãos e Irmãs de Castel Gandolfo, com o augúrio por que saibais não só honrar a sua gloriosa memória, mas também imitar a sua coerência cristã nas opções que todos os dias sois chamados a fazer.

Assim seja!